FALTAM PROVAS



Os países ricos da Europa e o Japão alegam danos hipotéticos para proibir a produção de alimentos transgênicos

Fórum: Transgênicos

ADY RAUL DA SILVA

Em Okinawa, a reunião dos países mais ricos e industrializados – Alemanha, Canadá, Estados Unidos, França, Grã-Bretanha, Itália e Japão, grupo conhecido como G7, que, acrescido da Rússia, é às vezes chamado de G8 – abordou a questão dos transgênicos, produtos agrícolas geneticamente modificados.

Cabeças e sentenças

O Canadá e os Estados Unidos não os consideram nocivos à saúde humana e animal nem ao meio ambiente. Julgam ainda que seu uso contribui para baixar os custos dos produtos agrícolas, incluindo alimentos.

Embora reconhecendo que não são comprovadamente nocivos, os países europeus e o Japão objetam que os transgênicos podem ter efeitos desconhecidos sobre a saúde e o meio ambiente, devendo-se por isso aplicar sobre eles o princípio de proteção que limita sua produção e torna obrigatória sua rotulagem no processo de comercialização.

O ponto de vista partilhado por europeus e japoneses não combina com posturas do passado. Seria justificado por motivos econômicos, constitui praticamente uma exceção à reação usual quanto ao uso de novas tecnologias e merece uma análise.

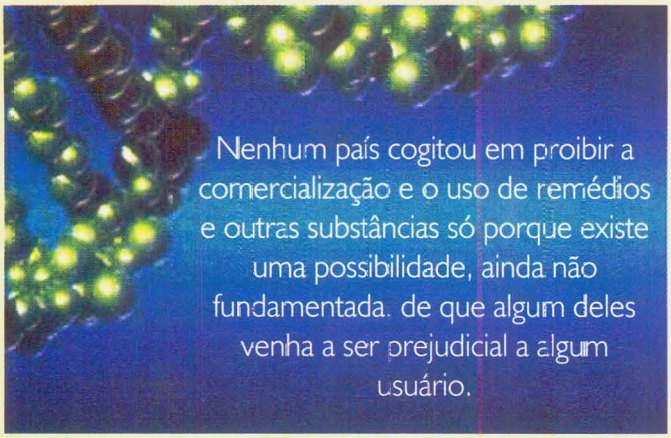
Ameaças e uso

No caso dos remédios, as limitações representadas por efeitos colaterais ou de risco calculado não costumam impedir seu emprego, e muitas vezes após anos de uso generalizado são descobertos efeitos nocivos de medicamentos difundidos no mundo todo.

Denúncias recentes condenam o uso do flúor e de antialérgicos que passaram a ser considerados cancerígenos.

Não é raro o aviso: "Este é um novo medicamento e embora as pesquisas tenham indicado sua eficácia e segurança, quando corretamente indicado, podem ocorrer reações adversas imprevisíveis, ainda não descritas ou conhecidas."

Nenhum país cogitou de proibir a comercialização e o uso de remédios e outras substâncias só porque existe uma possibilidade, ainda não fundamentada, de que algum deles venha a ser prejudicial a algum usuário. Não sei da existência de nenhum remédio que seja de risco



zero para todas as pessoas. Nenhuma proibição de produção e comercialização é baseada na hipótese de que possam ocorrer efeitos desconhecidos, a não ser no caso dos transgênicos na agricultura.

Celulares na berlinda

O que dizer da telefonia celular, adotada a uma velocidade sem precedentes em todo o mundo? Sabe-se que os aparelhos emitem radiações próximas ao cérebro. Quais serão seus possíveis efeitos? Ninguém sabe. Até agora não se constatou nenhum efeito maléfico, mas é possível que o uso continuado venha a causar danos às pessoas.

Médicos ingleses alertaram para a conveniência de se restringir o uso de celulares por crianças e adolescentes, possivelmente mais sensíveis a seus efeitos. Nada mais que uma notícia de televisão. Nenhum governo ou ONG tomou qualquer iniciativa contra seu uso ou para exigir rotulagem em todos os aparelhos.

Histeria social

A pesquisa organizada permitiu o uso de transgênicos para a produção de remédios, o que é muito importante e desejável, e felizmente os que fazem campanha contra os transgênicos na agricultura não a estendem ao uso de remédios em cuja composição se encontram produtos transgênicos.

Nenhuma instituição apresentou uma razão sólida para essa excepcionalidade e para a histeria que tomou conta da sociedade induzida por ONGs ambientalistas.

Quem se preocupa com o meio ambiente tem que dar prioridade ao efeito estufa. "A mudança climática já não é uma profecia apocalíptica mas uma realidade", afirma a presidente da Federação Internacional das Sociedades Cruz Vermelha e Crescente Vermelho, Astrid Heiberb, em relatório de 25 de junho do ano passado.

Alterações climáticas

O mesmo relatório registra que em 1998 morreram 59.261 pessoas vitimadas por catástrofes climáticas que obrigaram 25 milhões de pessoas a migrarem de seus territórios – mais do que as guerras e os conflitos de nossa era.

Mas nem seria necessário consultar relatórios para saber que os noticiários nacionais e internacionais registram alterações climáticas de intensidade e freqüência inéditas, como é o caso do frio nas regiões Sul e Sudeste do Brasil, a excepcional onda de calor do Sul da Europa, as enchentes que devastaram Moçambique ou o degelo da Groenlândia.

Como se explica que grandes ONGs internacionais como WWF e Greenpeace, além das inúmeras ONGs nacionais que seguem sua orientação, prefiram combater os transgênicos e se omitam quanto às causas do efeito estufa, sobretudo a incorporação de enormes quantidades de carbono derivadas do uso de combustíveis fósseis como carvão, gás natural e petróleo?

Uma razão plausível é que elas sejam mantidas pelos países ricos que mais usam esses combustíveis e que são proprietários das grandes companhias petrolíferas.

Outra razão é que esses países ricos, os que mais ocasionam o efeito estufa, sejam responsáveis por tais catástrofes climáticas e por isso devam pagar pelos danos causados às populações que menos contribuem para o efeito estufa. Afinal, fica para eles o proveito do uso dos combustíveis fósseis; mas os danos são universais e as maiores vítimas são as populações dos países menos desenvolvidos.

Perguntas com resposta

Por que o Ministério do Meio Ambiente e as ONGs nacionais não criticam os países ricos, não adotam o álcool como combustível de eleição, o que efetivamente contribuiria para a proteção ao meio ambiente, gerando numerosos empregos no campo, onde está a pobreza maior, e auxiliando a melhorar os resultados de nossa balança comercial?

A atitude das ONGs internacionais é compreensível, se é que estão atendendo prioritariamente aos interesses de seus financiadores.

Para muitas ONGs nacionais, uma explicação possível é que 83 % dos recursos financeiros delas são provenientes do exterior.

Nota-se também que os meios de divulgação, imprensa e televisão, não contribuem para minorar o efeito estufa, estimulando o uso de energia proveniente da biomassa, como é o caso do álcool, ecologicamente correta e de interesse da população.

Emissoras de televisão, que diariamente colocam em seus noticiários um item sobre meio ambiente, não têm apresentado as vantagens do uso do álcool e, ao que se sabe, não o adotaram para seus veículos. Comercialmente isso é compreensível, já que as companhias de petróleo são grandes anunciantes – o que não acontece com os produtores de álcool.

Interesses em jogo

Os motivos do movimento mundial contra os transgênicos não se limitam à hipótese de dano ao meio ambiente. Isso leva a se questionar o porquê de uma campanha publicitária mundial contra o uso dos produtos transgênicos da agricultura.

Os países que criticam com maior intensidade o uso dos transgênicos da agricultura ou financiam a campanha contra eles através das ONGs são os que mais gastam com subsídios a seus agricultores.

É fartamente conhecido que a União Européia mantém sua agricultura com elevados subsídios, apesar dessa agricultura contar

com elevada tecnologia. As razões são várias:

- segurança alimentar;
- dar aos agricultores uma renda que lhes permita ter um padrão de vida semelhante ao dos que vivem de atividades urbanas;
- diminuir a concentração urbana;
- garantir que sua agricultura sobreviva à concorrência dos países que podem produzir mais barato usando meios mecânicos em larga escala, pelas vantagens e abundância de recursos naturais ou pela mão-de-obra mais barata de países emergentes como o Brasil.

Duas faces

Existem também os subsídios para exportar excedentes e financiar exportações. Essas práticas contradizem os princípios do livre comércio, do predomínio da eficiência, do efeito de mercado. A concorrência, que defendem em benefício da humanidade, apregoam e impõem às economias menores, na verdade é um conceito válido apenas para os produtos em que os países mais ricos têm vantagem competitiva.

Os subsídios à agricultura custam caro à sociedade, e é de seu interesse diminuí-los. Diminuindo os custos da agricultura, os transgênicos farão aumentar a necessidade dos subsídios. Reduzirão a mão-de-obra, fazendo com que um homem produza mais e por conseguinte diminua o número de agricultores, o que eles não desejam.

Finalmente, os países mais ricos da Europa estão eventualmente atrasados em relação aos norte-americanos, e por isso têm interesse em retardar a comercialização dos produtos transgênicos.

Moda no Japão

A situação no Japão tem muitos traços em comum com a da Europa. Há uma numerosa classe de agricultores que só podem ser proprietários de 2ha. É grande a limitação territorial. Aplicam elevada tecnologia e conseguem níveis altos de produtividade, mas para manterem o padrão de vida de seus agricultores têm que garantir preços elevados.

O arroz, seu principal alimento, tem preço garantido quatro a cinco vezes acima do preço internacional. Além disso há um aspecto cultural importante que faz com que seu povo acompanhe os padrões ocidentais; se estiver em moda levantar suspeitas e condenar os alimentos de plantas transgênicas, sua tendência é sempre seguir a moda.

Ady Raul da Silva é engenheiro agrônomo, Ph.D, membro titular da Academia Brasileira de Ciências.
e-mail: adyr@solar.com.br

Referências bibliográficas

Site disponível na Internet: www, Cruz Vermelha Internacional desastres, consultado em 25-6-1999.
Revista Veja, 14-6-2000.

Fórum: Transgênicos

RETÓRICA E REALIDADE

Produtos transgênicos são liberados à base de falsas promessas, sem o respaldo de pesquisas conclusivas sobre seus efeitos

MARILENA LAZZARINI

São tentadores os argumentos dos defensores das espécies transgênicas: aumento de produtividade, redução de custos, redução do uso de agrotóxicos, inocuidade à saúde e ferramenta indispensável para acabar com a fome mundial.

O discurso empolga, mas não convence. A sociedade já foi obrigada a testemunhar semelhante retórica quanto à necessidade do uso de produtos químicos – herbicidas, inseticidas, fungicidas – na lavoura. Infelizmente, no pós-Revolução Verde aquela promessa revelou-se falsa e a fome não deixou de se expandir. Na década de 90, as mesmas empresas, com a mesma oratória, querem vender essa nova invenção, capaz de torná-las provedoras de sementes do planeta.

Questão complexa

A mudança de tecnologia agrícola para a produção de alimentos transgênicos terá importantes conseqüências socioeconômicas que, por si só, demandam uma avaliação criteriosa que utilize ferramentas de ciências sociais, e não apenas das biológicas. Essas conseqüências incluem perdas de mercado externo e interno, devido à rejeição pelo consumidor; agravamento da perda de emprego no campo; consolidação do modelo de grandes agroindústrias e perda de biodiversidade. Sem falar dos efeitos sobre a microflora e a microfauna, de significativas conseqüências para a saúde humana e o meio ambiente.